

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1902

N.º 80



D. Affonso XIII

REI DE HESPAÑA

Gil Vicente e Garrett

A o mesmo tempo que em Lisboa é celebrado o quarto Centenario da fundação do Theatro portuguez por Gil Vicente, no Porto iniciavam-se por festas ruidosas os primeiros esforços para a realisação de um Monumento a Garrett, o renovador da Litteratura dramatica e do Theatro nacional na epoca do Romantismo, partindo da comprehensão do impulso originario de Gil Vicente. Coincendencia significativa, embora não procurada: os dois successos com-



O unico retrato do poeta que se julga veridico

pletam-se syntheticamente. Quando Gil Vicente em 1502 inaugurou a scena portugueza, creava um orgão de opinião publica em uma sociedade, que pela riqueza dos descobrimentos maritimos entrava n'aquella phase altiva e independente da burguezia. Foi a intuição d'este destino social que deu á nova idealisação esthetica a figuração dos seus typos comicos e a intenção das suas satiras. Quem percorrer o theatro de Gil Vicenteahi encontra o pensamento da Reforma tal como o manifestaram os espiritos sinceros dentro da Igreja, mas reclamando a morigeração na sua hierarchia; ahi se vê o typo do frade intrigante no parasitismo do paço, tal como se descreve ao nuncio Capidofero nas instruções que lhe deu a curia romana; ahi figura o fidalgo pobre, producto característico de uma classe que se conserva apathica ante o trabalho mercantil e industrial de um povo activo; ahi se retrata o *ralinho*, o trabalhador dos campos incansavel e sobrio, verdadeiro typo do povo portuguez resistente e sofredor, como é ainda hoje e sempre; ahi se desenhann as crenças, as superstições, as cantigas, as dansas, todo o viver nacional, rico de elementos tradicionaes para fecundarem essa grande Litteratura e Arte quintenista. Gil Vicente é a figura primacial que se acha á entrada do grandioso Seculo xvi, como que formando o elo da Edad media para a Renascença. Assistiu ao desenvolvimento progressivo da civilisação de Portugal na Era dos Descobrimientos, mas conheceu os germens de dissolução que na segunda metade do seculo deter-

minaram a decadencia irremediavel e até a perda da nacionalidade portugueza. A glorificação de Gil Vicente abrange mais do que o reconhecimento pela sua iniciativa esthetica, é a incorporação na consciencia nacional de um dos mais altos e conscientes representantes do espirito portuguez. A irradiação do seu genio dramatico chegou até ao seculo xix, quando Garrett procurando orientar-se na comprehensão do genio nacional foi encontrar no vulto e na obra de Gil Vicente o seu ponto de partida. Seria incompleto todo o juizo sobre a acção de Gil Vicente, se fosse omitido o nome de Garrett no quadro da sua apothese.

As festas do Porto glorificando o iniciador do Romantismo e co-operator da implantação do Constitucionalismo em Portugal não podiam encontrar um mais opportuno momento, para a comprehensão das tardias homenagens. O Porto vai levantar um monumento escultural a Garrett; mas antes de se moldarem a pedra e o bronze, as ideias é que têm de dar expressão á divida da cidade. Na circular que em 24 de fevereiro de 1901 se distribuiu pedindo dadas contributivas para se realisar esse monumento, escreveram-se estas justas palavras, que aqui archivamos: — «Até hoje o monumento levantado ao renovador da Litteratura portugueza, ao creador do Theatro nacional, ao lyrico incomparavel, ao alivo orador que defendeu na tribuna as instituições que ajudara a implantar nas rudes campanhas, ao vate supremo que soube revivificar a tradição de um Povo e pela commoção esthetica do seu passado restitui-l-o á consciencia do presente — o monumento que mais o eleva perante a Patria e o mundo culto está nas suas — Obras.

«Mas a cidade do Porto, que lhe foi berço, entende que é tempo de votar um monumento escultural a esse glorioso filho; e para que a cooperação de todos engrandeca a manifestação d'essa homenagem, elegeu em 17 de fevereiro de 1899 uma grande Commissão destinada a colligir todas as dadas em que se avolumem os recursos para realisar um tal monumento.

«Lisboa, a patria adoptiva de Garrett, porque aqui teve os seus triumphos litterarios e parlamentares, pois que exalhou aqui o seu ultimo alento, e aqui está o deposito sagrado dos seus restos, Lisboa não podia ficar indifferente, nem extranha ao começo da sua apothese, e emquanto não lhe paga a divida inadivida da sua trasladação para o Pantheon de Belem (concepção de Garrett) cumpre-lhe cooperar n'esta louvavel iniciativa do Porto.»

Como Gil Vicente, Garrett tambem appareceu á entrada de uma era nova, a inauguração de um regimen politico de opinião publica expressa na forma do Parlamento, do Journalism e da livre critica. Cooperou n'esta grande obra da transformação das instituições sociaes soffrendo o exilio amargo, as prisões iniquas, as demissões affrontosas, soffrendo a miseria e as calumnias contra o seu talento e caracter. Como orador parlamentar, como jornalista polemico ensinou a opinião publica a nortear-se pela consciencia do que era a Soberania nacional; mas n'essa crise de um passado que derruia, e de um futuro que se esboçava, Garrett entendeu que era preciso unificar as almas pelo sentimento, dando-lhe por objectivo a sympathia da tradição nacional. O theatro appareceu-lhe morto em um paiz em que o absolutismo chegara ao extremo da compressão do individualismo nacional; era pelo theatro que se devia levar á multidão o impulso que a agitasse. Garrett, mais do que na tribuna parlamentar, fez da scena o campo de libertação das almas, ensinando-as a ter opinião, a começar pelo conhecimento de um passado glorioso. N'esta empreza genial, em vez de imitar as obras primas do Romantismo que encontrava nas Litteraturas modernas, foi aspirar em Gil Vicente essa aura vital da nacionalidade da epoca mais intensa da sua vida historica. O que Gil Vicente deixara em esboço no *Auto*, e que a Hespanha desenvolveva elevando-se em Lopo de Vega e Calderon á *Comedia famosa*, Garrett completou-o fixando a forma do Drama moderno no modelo imperecivel de *Fri Luiz de Sousa*. N'este momento em que nos sentimentos desnaturalisados, e por isso decahidos perante o concurso europeu, o nosso renascimento só provirá do influxo da revivescencia da tradição portugueza: os genios são a Fonte de *Jouvenet*, que retemperam os povos, e n'este momento Gil Vicente e Garrett são as fontes vivas que nos dão alento.

THEOPHILO BRAGA.



O SONHO DA RAINHA



RAINHA recolheu aos seus aposentos, commovida, exausta, feliz.

Nada comparavel na sua vida ás alegrias d'esse esplendido dia de maio!

Eclipara-se a regente. O coração da mãe transbordava de felicidade.

O menino, creado entre afagos e receios, é enfim rei.

Ella não tem a menor saudade da realza. Com enlevo de artista, revê-se na obra longamente trabalhada.

Rainha e commovida, entrega feliz, o sce-

ptro a essa gentil creança que se esmerou em formar segundo o seu ideal da perfeição.

E chegara enfim esse dia, tão desejado e tão timido! E, vertiginosamente, passara.

E o palacio, ha pouco envolvido em ruídos de festa cahira agora n'aquella silencio que precede a madrugada, tão convidativo á meditação quando tão ao somno.

No seu leito tão branda, a Rainha volta a sentir, atenuadas, todas as commoções d'aquelle dia inolvidavel.

Compraz-se sobretudo o seu espirito, entranhadamente devoto, em rememorar aquellas circumstancias em que associa a juvenil imagem do rei ao pensamento da divina bondade.

Aquella precioso rosario de saphiras e rubis, tendo pendente o rico medalhão com as armas da casa Pecci — dâdiva de Sua Santidade ao real afilhado — é para a Rainha especie de amuleto que afugenta temores ao novo reinado.

A *Rosa de Ouro*, com que pessoalmente a brindou o Summo Pontífice, e que abí está corruante junto ao leito, figura-se-lhe a irradiação synthetica e beatificada de todas as impressões d'aquelle dia memoravel.

Recorda, dolorida, o nascimento místico d'essa creança já orfanada, e a commoção que agitou o paço, e logo a nação, quando a duquesa, senhora Canaleta, mãe, pouco depois do meio dia, communicou ao presidente do Conselho — casualmente o mesmo que agora preside no primeiro ministerio do rei novo — o nascimento de um varão.

Tremenda responsabilidade para os delicados hombros de uma mulher! Rememorava agora tudo n'um intimo eternamente de grata devoção ao seu Altissimo.

Revia o seu filhinho, pequeno e franzino, nos primeiros passos de uma existencia periculante e dubia: depois, aos doze annos recebendo tenentoso, a primeira commoção das mãos de um reverendo bispo, e logo, como transfigurado por esse acto pio, progredir maravilhosamente na saúde e no entendimento, auxiliado pelas praticas da hygiene e pelos mestres de toda a especialidade.

Parecia-lhe agora sonho a formação repentina d'aquelle mocinho que, desde algumas horas, era *Sua Magestade*. N'um plano de vida regular e austero, concedera fazez d'elle um ser superior. Vira-o, enleada, abrange os rudimentos da sciencia; manjar facilmente as linguas; cultivar as artes na musica, na pintura e na photographia; folgar na gymnastica, na esgrima, na cap; crescer na devoção com que genuflectia, humilde e subjugado, ante esse outro throno muito mais imponente e poderoso que o da sua ephemera realza.

Finalmente amanhecera aquelle radioso dia de maio. Tudo ares de festa! E pelas ruas principaes da capital, guarnecidas de arcos, afestadas de flores, por diante de janellas apinhadas, de onde pendiam vistosas colgaduras e antigos tapetes preciosos, por meio de uma multidão compacta e buliçosa, entre alas de tropa, ella passara enfim triumphalmente, sorrindo, muito commovida ao povo, dizendo-lhe, egoistamente em espirito: — «Ah! o tendes. Amae-o; dae-lhe um reinado feliz.»

E a massa popular, em bicos de pés, excitada, curiosa e sceptica, passava olhos avidos para a luzente fila dos palafreiros, arautos e reis de armas, que rompia a marcha do real cortejo, depois para os vinte e quatro coches, de uma riqueza fantastica, que conduzia a corte e os representantes das potencias estrangeiras, alvo de particular interesse pela variedade e brilho dos fardamentos e condecorações. E, por fim, o coche real, sumptuoso, puxado a oito esplendidos cavallos brancos.

Era então que nas fileiras do povo perpassava um fremito de curiosidade mais pittoresca. As mulheres, enternecidas, azeavam á Rainha, extrahindo aquella scena de espectacular gala palaciana a sentimentalidade que ella devia conter na sua feição natural e humana.

A ovação officiosa, que rompendo meticulosidades da praxe, recebera a comitiva real, ao entrar na sala do Congresso, fora para o coração da Rainha quasi uma prova dolorosa. E, a contemplar de pé no throno, em attitud firme deante do sceptro e da coroa, a mão estendida sobre os Santos Evangelhos, que o secretario do Congresso lhe apresentava, jurando respeitar e fazer cumprir as leis do reino, uma sensação como de vertigem offuscou-lhe passageiramente a vista. Mas nenhum momento comparavel aquelle em que, n'um dulcissimo enlevo todo mystico, ella o viu entrar na cathedra, sob a grave solemnidade do pallio, entre as alas rutilantes dos bispos paramentados, a prostrar-se, com

toda a poesia da juvenil devoção, ante o monarcha Supremo, na enebriante atmosphera do grandioso *Te-Deum* incensado, entre as harmonias ineffaveis da musica magistral.

A Rainha descança após o longo ancilar de dezesete annos de duvida! O afan de assegurar a essa creança a estabilidade no throno transformara a sua viviez n'um arquo incessante.

Só hoje, repousando deliciosamente no leito, ella se sente enfim tranquilla. Tem a sensação desafogada do general que, após agitadas luctações estrategicas, viu alfin chegar o dia glorioso da victoria.

A impressão lisongeira de uma espaliosa missão cumprida enlaça-se docemente os nervos da Regente. Pressa de uma especie de magnetismo, ella nem talvez aquilata o peso de esmagadora responsabilidade que transfere aos hombros de el-rei: encargo de governar uma nação outr'ora gloriosa e florescente, hoje retalhada e dorida. E nem sequer talvez presente a immensa vergonha de entregar-lhe o patrimonio, de que foi guarda, consideravelmente reduzido e desprezado no conceito do mundo.

A Rainha adormeceu tranquilla, com um doce sorriso nos labios. Instantes depois, agita-a uma excitação febril.

O sonho, esse funcionário inconsciente do entendimento, tanta vez lisongeiro, tanta vez cruel, desvela os olhos da Rainha, em proporções fantasticas, um unico facto episodico d'aquelle dia venturoso.

Em frente do palacio um pobre louco, offensivo, ingenuo e ardente, tenta aditar para a carruagem real uma carta de amores.

No mesmo instante, um bando de alabardeiros e palafreiros lança-se raivoso ao misero, que não oppõe resistencia. E, em quanto, a poder de pranchadas e bastonadas, o sangue jorra da cabeça e rosto ao triste namorado, elle roga, com humildade e afínco, que lhe proporcionem defrontar-se com el-rei, ou, melhor ainda, com a dama dos seus pensamentos.

Este o quadro merencorio que o sonho representa á imaginação da Rainha.

A! mesma hora o preso está velando a noite no governo civil, com a devida cabeça apertada em ligaduras. E, aos que lhe fallam, elle confessa ingenuamente não comprehender porque o trataram mal. Comprehender! Põe uma pobre cabeça dementada aborcar a transcendencia de taes motivos?

Madrid, maio, 907

CAROL



A Rainha D. Christina de Hespanha, quando Regente, com seu filho o Rei Alfonso XIII

Frei Luiz de Sousa

INSPIRADOS pelo mais nobre sentimento de amor às nossas coisas tentaram e conseguiram alguns portugueses residentes em Paris que se representasse, num dos mais modestos, — outros dizem: mais immodestos, — theatros da grande capital, a obra prima da dramaturgia nacional, aproveitando a oportunidade das festas a Garrett.

Fizeram bem? fizeram mal os iniciadores da tentativa? Questão é esta de tal modo controversa que não ousa apreciá-la; mas, se o echo, que nos chegou no dizer de varios jornaes me não illude, parece que o exito não correspondeu plenamente à expectativa, e que os bons desejos, acariciados e festejados pelo restricto numero de espectadores intelligentes, sofferam um tal ou qual mallogro da parte da multidão, mais ou menos anonyma, que enchia o theatro.

Nem admira que assim acontecesse. Accusaram de infiel a tradução, de insufficiente a aptidão artistica dos interpretes, de exigua a encenação; mas se tudo isto podia contribuir em parte minima para que a gloria do nosso dramaturgo não brilhasse em Paris com todo o seu esplendor, a causa diversa, — causa essencial e fundamental, — se deve attribuir a incompleta comprehensão ou absoluta falta de comprehensão das bellezas do *Frei Luiz de Sousa*.

Para maior clareza do meu modo de pensar, vou inverter os termos do problema, narrando um caso que comigo se deu, ha alguns annos.

Representava-se no theatro de D. Maria, o *Ruy Blas* de Victor Hugo, bem desempenhado pelos nossos principaes artistas, e fidelissimamente traduzido, — visto que nós todos conhecemos largamente o francez para interpretar sem hesitações o pensamento dos originaes, embora nem sempre o reproduzamos em castissima linguagem portugueza. Por este lado, não podia haver duvidas, nem as havia com respeito ao luximento do scenario, vestuario e adereços de scena. Sentava-se a meu lado um novo, que, pela apparencia, estava já no pleno gozo dos seus direitos civis e politicos, e indubitavelmente no gozo plenissimo do seu direito de critico d'arte, d'esse direito *qu'on esthete à la porte en entrant*, como diz Boileau.

O meu visinho, muito attento ao espectáculo, quando, no primeiro acto, viu um maltrapido, coberto de crimes, falar, de igual para igual, com o magnifico D. Sallustio, torceu-se todo, em signal de descontentamento; quando, no segundo acto, viu um moço de libré apaixonado pela rainha, fez ainda maior gesto de desgosto; mas quando, no acto subsequente, D. Cesar de Bazan, fugindo, á aventura e enfiando por uma chaminé abaixo, vem cair exactamente na casa, habitada por quem usava o seu nome, não se pendeu conter que não exclamasse, no auge da indignação que aquillo era absurdo!

A febre epidemica do realismo começava já a fazer as primeiras victimas, e o meu visinho, talvez constrangido, aproveitou o entre-acto para me confidenciar a sua acerba critica.

— Isto é uma borrascheira inverosimil, bradou elle ao meu ouvido, apenas o panno caiu. Não se devia permittir no theatro portuguez a representação de coisas destas!

— O senhor sabe quem escreveu isto e quando o escreveu? perguntei ingenuamente.

— Eu não sei! replicou, ainda mais ingenuamente, o meu interlocutor accidental.

Tive que lhe responder com o silencio. Ora eu estou d'aqui a ver quantos espectadores, eguaes a este de que dou noticia, estariam assistindo em Paris á recita do *Frei Luiz de Sousa*. Eguaes? Muito inferiores para o caso; porque, na nossa platéa, talvez de cada dez pessoas não houvesse uma só que não conhecesse, pelo menos de ouvido, o nome de Victor Hugo, a grandeza da sua obra, e a feição litteraria da época em que escreveu; emquanto que, na platéa parisiense, talvez de cada dez espectadores não chegasse a apurar-se um, que, por excepção, conhecesse o nome de Garrett e a sua influencia na restauração ou criação do theatro portuguez.

Tanto isto é assim que, — segundo boas informações de um jornal, — tentando os iniciadores da festa, com muito justificada previsão, fazer proceder a recita de uma preleção sobre a nossa litteratura... não encontraram ninguém habilitado para tal empreza! Da larga e brilhante pleiade dos litteratos parisienses, nem um só estava habilitado a dizer palavra sobre esta litteratura tão caracteristica, tão independente, tão iniciadora, que tem Fernão Lopes na historia, Gil Vicente no theatro e Camões na epopéa!

Compare-se. Quantos dos nossos homens de letras, — e não quero citar nomes, — estariam habilitadissimos a fazer brilhantes e profundas dissertações sobre o movimento litterario francez! quantos de menor valia e de mais modesta cotação teriam, quando

menos, habilitações sufficientes para não ficarem calados sobre o assumpto!

Ora a erudição, embora concentrada e completa em numero sempre relativamente restricto e limitado, irradiava-se, por processos mysteriosos, de camada em camada, de tal arte que, entre os frequentadores habituaes dos nossos primeiros theatros, o caso d'aquelle meu visinho na recita do *Ruy Blas* constitue apenas uma excepção... muito excepcional, até pela ingenuidade com que confessou a ignorancia.

Para bem se apreciar uma peça, é preciso conhecer, ainda que não seja senão pela fama, a época litteraria em que o auctor a escreveu e a época historica em que a acção se desenrola.

Quem nunca tivesse ouvido falar da dominação castelhana e do odio dos portuguezes aos governadores do reino, mais praticos do que patriotas, não poderá comprehender a sublimidade do primeiro acto do drama de Garrett, e ficará julgando, quando muito, que Manoel de Sousa Continho estava affectado de monomania incen diaria e representava um Nerosinho, que, á falta de cidade para queimar, reduzia a cinzas o proprio palacio.

Quem não tiver uma noção, embora succinta, do que foi o desastre de Alcazar-Kibir e de como se formou a lenda do sebastianismo, a principio ingenua forma de protesto do povo contra a dominação hespanhola, não pode ver na esombrosa figura de Telmo Paes senão um magico ou um maluco, fugido por tolerancia ao manicómio; quem não souber o que foi o capitulo dos fidalgos prisioneiros e por quantos larguissimos annos muitos sofferam, antes de se resgatarem ou de se evadirem, não percebe nada do nexo da acção; e finalmente, quem não souber apreciar o que era o orgulho dos nomes aristocraticos, a não sofferem a mais tenue macula, ou sombra, o que era a influencia do peccado, embora involuntario, nas consciencias delicadas e timidas, o que era o poderio severo mas consolador da religião, tem por phantastico e inverosimil o caracter mais ethereo do que terrestre, de Maria, não dá valor aos terrores de Magdalena, e acha despiendo o desenlace tragico da peça.

Vão dizer a cidadãos, no gozo pleno da lei Naquet ou de qualquer outra lei sobre o divorcio, que d'aquelles dois homens vivos e esposos legitimos da mesma mulher um se não devia desquitar legalmente, para resolver a questão; vão dizer a mulheres felizes em segundas nupcias com os primeiros consortes vivos, que a esposa de D. João de Portugal estava sob o peso de uma infamia social e de um peccado mortal, apesar de vinte annos de pesquisas para encontrar vivo ou morto o primeiro marido; vão dizer ás loiras e pallidas donzellas, vivendo desculdas, á sombra dos rendi-

mentos dos segundos maridos das mães divorciadas e com os respectivos paes ausentes em parte incerta, que o terror de Maria tinha fundamento, e que a vergonha mortal de ser filha do peccado era irremediavel!

Sem esta lição da historia da época, a platéa parisiense não podia estar habilitada a comprehender quanto ha de sublime e delicado, na obra de Garrett, que demais não escreveu hoje nem hontem, mas ha cerca de sessenta annos, quando a escola classica ainda se não confessava vencida, e o audaz reformador erguia o pendão da revolta e implantava triumphante, no nosso paiz, a escola romantica, tal como na propria França, a andara implantando Victor Hugo, desde alguns annos antes, até á mesma data, pouco mais ou menos.

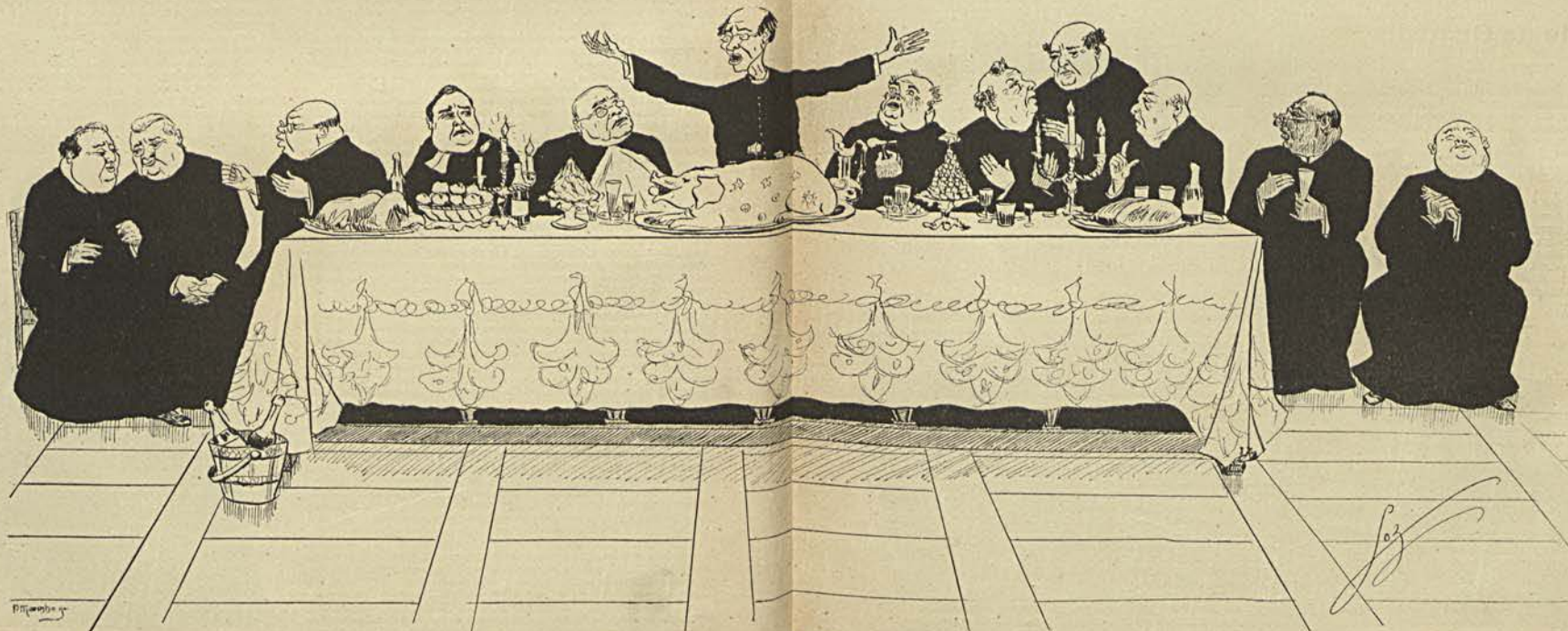
E' certo que o espirito humano tem notavel facilidade de se transladar no tempo e no espaço, transferindo-se a outros logares e a outros tempos; sem o que, seria incomprehensivel o drama historico ou a comedia de costumes antigos; mas, para que faça essa viagem, é mister que lhe indiquem o caminho.

Ora é isso exactamente que faltaria á maior parte dos que, em Paris, concorreram a ouvir o drama de Garrett.

Victor Hugo diz algures que ha tres especies de espectadores: os que levam para o theatro a intelligencia, os que levam a sensibilidade, e os que só levam o espirito frivolo, que deseja apenas entreter-se por algumas horas, isto é, os que julgam uma peça pelo cerebro, os que a julgam pelo coração e os que tão somente a apreciam pelos olhos e pelos ouvidos.

Dos primeiros se constituiu a parte selecta, que, por comprehensão illustrada ou simplesmente por espontanea intuição, poudo apreciar as grandes e incomparaveis bellezas da obra genial do nosso dramaturgo; aos segundos faltava, em grande parte a preparação educativa para se compenetrarem das angustias de todos aquelles personagens, que, vistos á luz das modernas convenções sociaes e da actual educação dos sentimentos, quasi não têm razão de ser sob o ponto de vista dramatico; e, quanto aos terceiros, não foi para elles escripto o *Frei Luiz de Sousa*, que, até mesmo entre nós, nunca foi peça para merecer os applausos do camaroteiro, nem que lograsse conservar-se muito tempo no cartaz.

D'aqui infiro que não têm muito por que se entristecerem os patrióticos iniciadores da idéa, se o exito não correspondeu plenamente á sua sympathica expectativa, e que basta o julgamento dos intelligentes para fazer justiça á obra estupenda e sublime do restaurador, ou, melhor do verdadeiro creador, do theatro portuguez. Foi festa de portuguezes, a que se associaram, — como quem



Um visionario. — Jejuae, meus irmãos! jejuae

tém communidade de glorias tradicionaes e litterarias, — os brasileiros, residentes em Paris; foi festa destinada a chamar a attenção sobre nós, tão desconhecidos em França, n'essa França que se vangloria de ser o cerebro do mundo e o coração da Europa, de



O render da guarda no Palacio Real de Madrid
(Infanteria)

tudo saber e de tudo comprehender e apreçar; se uma lição pode deduzir-se dos acontecimentos, é a de que precisamos, por insistente propaganda, fazer sentir aos outros povos, e nomeadamente ao francez, que não somos uma nação morta para nenhuma das manifestações da actividade, nem para a gloria das armas, nem para a gloria das letras!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

O visconde de Ouguella ⁽¹⁾

ERA um vulto inconfundível, o do visconde de Ouguella — inconfundível e incomprehensível.

N'esse bisarro mixto de contradicções reflectiam se os mil cambiantes dos tempos, que atravessou, e do grande numero de homens, com quem conviveu.

Ilustre como litterato, jurisconsulto e parlamentar — quando o foi — no fino sorriso ironico, que a miúdo lhe despontava nos labios, mesmo involuntariamente, transparecia a antiga bohemia coimbrã.

E, na verdade, este velho nunca deixou de ser rapaz; ao falarem-lhe dos saudosos tempos da mocidade, em que o batalhão academico partiu para o Alto do Viso, isto é, para a morte, como se fosse para um baile, removia a olhos vistos.

De vez em quando affigurava-se-nos, ao ouvil-o, que Passos, Cabraes e todos os outros personagens de maior envergadura do meado do ultimo seculo, ainda existiam e que n'aquella mesma noite devia haver por ahi qualquer revolta — este era realmente o seu elemento: a revolta!

Punha o melhor dos anhelos em termos republicanos n'um dia, monarchia no seguinte, e inversamente. Sensações a cada passo em



O render da guarda no Palacio Real de Madrid
(Cavallaria)

doida variação: erguer ministerios á ponta de bayoneta, derrubal-os no dia seguinte; conspirar á porta fechada, como nos seus salões do Chiado, ou lançar-se em insurreicção aberta, em pleno campo de refrega; para elle valia bem mais tudo isto que o mais appetecido dos accepções culinarias. Nos azaros da conspiração, declarava a quem o queria ouvir, chegou a dar-se por plenamente satisfeito com um simples arroz de manteiga.

Não houve o convenio durante a sua vida, porque senão teria feito diligencias para ver tropa, povo, autoridades, tudo ensarilhado, e para que? Se lho perguntassem, havia de sorrir-se zombeteiramente.

Não era a alegria de ver triumphar um homem e sobretudo uma idea, não era nada d'isso.

A republica federal, abrangendo todos os estados da lberia! — estava-os seguindo n'uma rapida evolução a separarem-se agora, a juntarem-se depois, a não se entenderem em seguida e a desandarem por ultimo n'um céo velho de pancadaria. Que linda fogueira! dizia elle.

De qualquer questão, que se lhe apresentasse, era o lado comico que primeiro via e a que sabia dar subito relevo, como apaixonadissimo amador do genero, que era, e para não ter apenas a pequena comedia todos os dias, ardia em desejos d'essas grandes variações, que só de tempos a tempos vem, felizmente para a boa integridade das nossas costellas e socego do nosso espirito.

Para não se aborrecer de todo, quando os diarios da policia não registavam coisa de maior, inventava, e foi assim, que appareceu n'uma bella manhã em todas as esquinas de Lisboa a palavra *Cecilio*, escripta com os mesmos rabiscos. Possuía a chapa, que serviu para a brincadeira, sabia á justa quantos homens foram precisos para o trabalho, o tempo que durou, e não se esquecia do dinheiro que tinha custado. Fôde ainda ser preciso o saber isto! exclamava em tom de seriedade vendo-nos sorrir de lhe estapafúrdia lembrança.

Vocês não sabem como se fazem revoltas! Na calada da noite nada ha para alarmar a cidade, como o deitar foguetes pelas chaminés e vão lá saber quem foi! Para proclamações incendiarias não se pode depositar confiança alguma nas typographias que por ahi ha; quando menos se espera somos trahidos; arranja-se um prelo pe-



O render da guarda no Palacio Real de Madrid
(Artilharia)

queno e em qualquer trapeira se improvisa uma typographia! etc. etc.

Entrando no assumpto favorito era um nunca acabar de expedientes, qual o mais exquisito.

Quando soube que no lyceu, ha bons trinta annos, tinha sabido em ponto para exame de litteratura — a descripção da febre amarilla! — esfregou as mãos de satisfeito, tinha já ganho o seu dia.

Tratava, de igual para igual, com os mais façanudos agitados, que por ahi enxameavam, como instrumentos bons para incerta occasião e professava sempre o maximo respeito, até nas conversas mais intimas, pela familia real.

A sua pasta, cheia de papeis, em que se dava a escrever sobre reivindicções democraticas, ostentava sobre a velha, e bem batida, capa, a corôa de visconde, artisticamente aberta em aço.

Não podia ser affecto a governo algum a não se darem, é claro, circumstancias fóra do vulgar. Teve um dos seus momentos historicos de governamental pela *soldanahada*, passando até como um dos principaes inspiradores do ministerio, que proclamou a liberdade de associação, de reunião, de não sei que mais... umas sete liberdades de uma vez, apregoadas pelas gazetas diurnas e festejadas por igual numero de philharmonias, que, reunidas e acompanhadas de immenso povo, percorreram de noite as ruas, fazendo uma arruaça medonha.

Era o barão de Zezere tido por um dos bons militares do tempo da alma lisa, como em linguagem de caserna se diz; o kôpi derrubado sobre a orelha, fazendo lembrar os apoleonicos sobreiros guias do bigode a espetarem o infinito, kilometrico chicote na mão, da mais marcial arrogancia, fazendo tinnir as esporas pela calçada e fazia-se passar pelo terror dos arrua-



O Rei Afonso XIII e a Rainha D. Christina assistindo da varanda do palácio ao desfile das academias militares

ceiros. Não lhe faltavam amigos, admiradores, e menos ainda quem o aticasse. Tinha o Oguella entre dentes e por sua vontade nunca este dormiria fora do Limoeiro. Morre o homem, adeus amigos,



A guarda avançada das academias militares

adeus admiradores, adeus Troya! — pediam as conveniências, atenta a sua posição, que lhe fôsse dado logar n'um jazigo e quem devia não lh'o quiz dar. Oguella, sabendo isto, promptificou im-



Oficiais hespanhoes esperando o desfile

mediatamente o seu dos Prazeres e alli jaz, sem que até hoje se houvesse pensado em trasladição para o de qualquer das innumeras pessoas, a quem o barão de Tezere encheu de favores.

Ramiro Coutinho — nome de baptismo do visconde e por que ainda o tratavam antigos companheiros — viu-se um dia atrapalhado: fez-se no Rocio um leilão de livros de Camillo — o seu grande amigo, companheiro de infancia e correspondente epistolar — muitas obras tinham anotações, curiosamente lidas e apimentadas pelos assistentes, e na de um autor, muito conhecido, Camillo escreveu ligeiramente á margem sobre uma das paginas: o homem é tólo e o Oguella bem o sabe. Que diabo de comprometimento, dizia este, ora para que havia de dar ao Camillo! agora fica sabendo fulano, que o tenho na conta de tólo! mas, verdade, verdade, ha carradas de razão para lh'o chamar!

A sua estreia no fóro — todos o sabem — foi brilhantissima, disputando, passo a passo, em torrentes de eloquencia, o terreno em que se collocou; foi uma lucta heromerica, travada contra o carrasco, a cujas garras quiz arrancar uma victima.

Entrava-se para o escriptorio d'elle por um corredôr, cuja parede da esquerda, extensa e continua, estava coberta de preciosidades varias, revelando riqueza e bom gosto. Ao meio d'ella destacava-se uma alavanca de ferro, de dois palmos e meio de comprido, posta horizontalmente e segura por duas escapulas. Irresistivelmente se prendia a attenção alli, o que o levava a contar-nos o seguinte: preparavam-se em Cintra festejos para a chegada de Suas Magestades e um operário estava furando a rocha do chão para collocar postes. Certo sujeito, que lhe tinha raiva, perseguia-o sem cessar com motelos, não fazendo caso dos repetidos avisos, de que lhe partia a cabeça se continuasse... e assim foi, mas com tanta infelicidade, que de uma só pancada o prostrou morto. Segue-se a prisão, Oguella, sabendo do caso e tendo muita pena do homem, cuja conducta fôra sempre exemplar, advoga lhe a causa e arranca ao tribunal a absolvição.

Não tenho nada que lhe dar, sr. visconde! exclamava o pobre operário. Lá isso tem! replicou aquelle, você ha de dar-me o ferro que tinha nas mãos!

Bem destavou dos esmaltes e das porcellanas aquelle ferro, um dos maiores titulos de gloria do visconde, d'esses, que nem oiro, nem baixeiras podem comprar.

E esse homem, de tão privilegiado talento, e que no tracto intimo, chegou por muitas vezes a parecer cynico, nunca entregou a toga, que não revelasse em toda a sua opulencia um grandissimo coração!

L. F. MARRAS FERREIRA.

(*) Uma das obras que o Visconde de Oguella deixou é um estudo curiosissimo sobre a obra de Gil Vicente. Não vem, portanto, fôr de proposito, agora que tanto se celebra a obra de um, este artigo sobre a personalidade distincta de quem foi um dos seus melhores commentadores.



Um deus obsequiador

(Conto chinês)

Na China, os Tacistas appellam sempre para a estatuaría quando querem representar os seus deuses, sobretudo os deuses do inferno aos quaes dão figuras de uma fealdade extraordinária. O fim é que os ignorantes, sobre os quaes a pura moral não tem influencia, entrem no caminho direito pelo temor de serem abandonados a esses seres abominaveis.

Preciso acrescentar tambem que habitualmente, no Celeste Imperio, os litteratos alugam um quarto n'um templo para ahi estudarem na solidão e no recolhimento.

Um joven estudante, de nome Tchou, não tinha senão uma intelligencia mediocre, mas em compensação era valente e corajoso.

Um dia, estando á mesa com os seus camaradas, quiz mostrar a sua coragem e accetou uma apostá: a de ir buscar um dos deuses infernaes para o ir collocar no logar vazio de um conviva ausente.

E foi, voltando effectivamente depois de uma curta ausencia, com a estatua.

— Convidei em vosso nome o nosso mestre barbudo que aqui está, gritou elle ao entrar.

Todos se levantaram e cada um apresentou o seu copo aos labios do mestre; mas em breve, aterrorizados pela presença prolongada do deus, os convivas pediram ao audacioso para reconduzir ao seu hotel o terrivel convidado.

Depois de ir pôr o deus no seu logar, Tchou disse-lhe ao despedir-se:

— Desculpe a massada que lhe dei, mas como a minha casa

fiar pouco distante d'aqui, rogo-lhe o favor de ir lá comigo de quando em quando, para podermos conversar mais à nossa vontade do que hoje.

No dia seguinte, o jantar da aposta foi pago. Depois de se ter alegremente banquetado, Tehou voltou para casa a uma hora bastante tardia. Quando ia apagar a luz para descançar, sentiu bater à porta.

Abriu. Era o deus!

— Ah! vou morrer, gritou o estudante, falei-lhe hontem ao respeito e vem, sem duvida, castigar-me.

Viu então que uma contração afastava a barba do deus, sob a qual se desenhava um sorriso bondoso.

— Nada toma. Convidou-me tão graciosamente hontem que estando esta noite livre, corri ao seu *rendes-vous*!

— Mas então assente-se, Senhor, disse Tehou que, passando do medo à alegria, tratou de ir buscar logo o necessario para beberem abundantemente, e pediu a sua mulher para preparar alguns pratos de appetite.

Esta, espantada, agarrava-se ao casaco de seu marido para o obrigar a não sair do quarto e não queria deixá-lo voltar para o pé do deus, receando uma vingança cruel do habitante do inferno.

O estudante não fez caso algum das supplicas d'ella, e abelrou-se da meza com o seu hospede.

Durante a ceia, soube que o deus se chamava Louk, e que conhecia a fundo tudo o que se passara nos tempos mais afastados da antiguidade assim como da litteratura moderna.

Isso não o impedia de vasar a cada momento grandes garrafadas que valiam dez copos engulidos d'uma vez.

Esta visita renovou-se depois, muito regularmente, de dois em dois dias, ou de tres em tres, e a affeição mutua augmentou sensivelmente. Um dia, Tehou, depois de ter bebido, mostrou-lhe uma das suas composições litterarias, que Louk achou muito insufficiente.

O vinho rubiu um pouco a cabeça do litterato, que não tinha estomago tão solido como o do deus, e que acabou por adormecer docemente. De repente, uma viva dór de cabeça despertou-o. Vin então Louk que, sentado aos pés da cama, lhe havia partido o craneo em dois e lhe remexia o cerebro.

— Nunca lhe fiz mal, gritou o pobre Tehou aterrorado, para que me assassinasse assim?

— Não tenha medo, respondeu Louk sorrindo, vou apenas machucar-lhe o cerebro.

Efectivamente, por-lhe em breve um outro cerebro, fechando em seguida a cabeça; cousa extraordinaria, traço algum de sangue appareceu, tão habilmente foi feita a operação!

Depois de ter posto fim à sua actividade chirurgica, Louk mostrou ao seu protegido o effeito cerebro.

— Vê, disse-lhe, a sua inhabilidade provinha de que os póros do seu cerebro estavam rollados; por acaso encontrei hoje mesmo, entre os dez milhares de detritos no inferno, um cerebro dos mais intelligentes; trouxe-o para o pôr no logar do seu, mas é preciso que não me demore a collocar este na cabeça vazia do outro.

E desapareceu. No dia seguinte, Tehou viu unicamente um delgado fio de sangue sobre a sua cabeça, mas a brecha estava completamente fechada e a sua intelligencia assim como a sua memoria achavam-se agora prodigiosamente augmentadas.

Algum tempo depois, Louk achou as composições d'elle, muito melhores e predisse-lhe que seria eleito no proximo concurso, o que com effeito succedeu.

Muitos camaradas de Tehou, ouvindo fallar d'esta aventura, desejaram todos conhecer o tal deus. Mas nenhum d'elles podia ficar calmo diante d'elle, tão grande era o seu medo e de tal fórma os seus dentes rangiam de terror: acabaram pela renuncia de todas as tentativas ultiores de ligações com esse ser abominavel. Tehou, ao contrario, não só entreteinha com elle relações de amizade, mas sentia pela seu benefactor um profundo reconhecimento.

Aproveitou um dia do bom humor excepcional do deus, para lhe perguntar se tinha tambem o poder de mudar as cabeças; porque a sua mulher, apesar de ser muito bem feita, não era bonita; se não reciasse abusar da sua bondade, pediria à sua superioridade operativa um pequeno golpe n'esse sentido.

Louk accitou sorrindo e pediu alguns dias para executar o seu projecto.

Uma noite emfim, chegou com um sacco na mão, dizendo que vinha realizar a promessa feita.

Tehou viu então dentro do sacco uma cabeça enasenguetada.

— Entremos depressa no seu quarto e feche a porta para que o cão não nos veja.

Encontraram a sr.^a Tehou tranquillamente deitada de lado, a dormir. Louk entregou a cabeça ao seu amigo e saccou de dentro das botas um facalhão, com o qual de um só golpe cortou a cabeça da adormecida. O golpe fôra liso como se tivesse cortado um melão. Quando a antiga cabeça cahiu, Louk agarrou na nova para a pôr no logar da outra; recomendou muito a Tehou que fosse enterrar a outra cabeça n'um logar abrigado das tentativas dos curiosos, e partiu, deixando o litterato confuso de surpresa e de gratidão.

A sr.^a Tehou, ao acordar não sentiu nem um pequeno formigueiro no pescoco; mas encontrou muito sangue na cama. A creada ficou espantada á vista d'aquella cabeça ensanguentada e sobretudo d'aquella figura desconhecida.

Tehou teve um trabalho dos demônios para fazer calar a estupefacção de sua mulher, que se não podia reconhecer diante do espelho, porque toda a sua cara estava mudada; mas em breve caiu da sua admiración, ao achar-se de repente tão bonita.

Um censor imperial, chamado Ou, tinha uma filha lindissima, de dezoito annos, que não se tinha casado ainda, tendo perdido já dois noivos.

Uma noite, ao visitar o templo do deus, foi ali vista por alguns audaciosos, que a assassinaram para a castigar de ter resistido ás suas tentativas de violencia.

Toda a familia remida chorou a perda d'esta encantadora creança, cujo corpo ficou velado durante toda a noite. Na manhã seguinte, quasi não foram a surpresa e o horror universaes ao perceber-se que o cadaver não tinha cabeça! Uma dupla queixa se apresentou, pelo assassinato e pelo roubo da cabeça; mas todas as buscas foram infructiferas. Tambem quando a noticia da mudança da cabeça da sr.^a Tehou foi sabida pela familia afflicta, mandou-se logo algem para se certificar da verdade.

Ou mandou prender Tehou como assassino da filha e ladrão da cabeça da desgraçada creança. Apesar de todas as explicações dadas por Tehou, recusaram-se a ouvi-lo.

Ninguém quiz prestar fô ao que elle contava da intervenção do deus! Aos olhos de toda a gente, a prova do crime era irrefutavel. A justiça, possuindo todas as provas, não podia hesitar e confirmou a prisão de Tehou.

Este não tinha outro meio para sair de embargos senão pedir ao seu deus que salvasse a situação.

— Não é difficil, respondeu Louk, farei dizer toda a verdade a Ou, pela propria filha.

Efectivamente, na noite seguinte, o censor Ou sonhou com a filha, que lhe indicou o nome do assassino e lhe disse que Tehou estava innocente em tudo aquelle negocio.

— Se a mulher d'elle anda com a minha cabeça é porque o deus assim o quiz.

A sr.^a Ou teve o mesmo sonho. Communicou-se o nome do assassino ás autoridades, que acabaram por encontrar-o e castigal-o como merecia.

Ou pediu então a Tehou que lhe apresentasse a mulher, que elle queria reconhecer como sua propria filha; mais reclamou ainda a outra cabeça para a enterrar com o corpo da menina Ou.

Tinhm-se passado trinta annos n'uma felicidade sem igual, quando Louk annunciou bruscamente a Tehou que morreria dentro de cinco dias. Em resposta a um pedido de moratoria, respondeu-lhe que era esse o destino, que nada havia que o podesse adiar, que a vida e a morte não tinham differença para os philosophos, que não se devia preferir aquella a esta.

O litterato morreu, efectivamente, no dia indicado. No dia seguinte, a sr.^a Tehou, toda em lagrimas, via entrar pelo quarto o marido, que lhe disse:

— Apesar de estar de volta, podes considerá-me como vivo; pensei na minha viuvez e no meu orphão e voltei.



As academias militares desfilando



O desfile das academias militares — Na cerca do Palacio

A sr.^a Têhou perguntou lhe porque não podia elle reasusitar.
Não vale a pena, visto que sou o mesmo que era. Demais, não quero desobedecer ás ordens da providencia. Graças á recommendação do meu amigo Louk, occupo no outro mundo, um emprego muito lucrativo, o de secretario do soberano do inferno.

Prepara-nos depressa alguma cousa para comer, porque eu convidei o deus para jantar comigo.

Depois renovou as visitas muito frequentemente, occupou-se dos negocios da familia e deu mesmo algumas lições aos filhos que não percebiam já que não tinham pae.

Este estado de cousas prolongou-se por uns dez annos.

Uma noite, disse tristemente adeus á mulher, era obrigado a deix-a para ir tomar posse do seu novo cargo, o de Deus da montanha Tai-Hoa, de onde não podia mais voltar.

Recommendo ao filho que se portasse sempre bem, para perpetuar as tradições honradas da familia e prometteu vel-o no fim de dez annos. Desappareceu.

Na idade de vinte cinco annos, seu filho nomeado governador, foi en-

viado pelo imperador a offerecer sacrificios ao Deus da Montanha de Oeste. Encontrou, na sua passagem, um cortejo no meio do qual reconheceu o pae.

Este disse-lhe:

— Podeste sustentar a nossa boa reputação. Nunca mais terei um pesar.

E deu-lhe ao mesmo tempo um sabre sobre o qual estavam gravadas estas divisas:

— «A coragem deve ser grande, a attenção minuciosa; as maneiras devem ser redondas e o caracter quadrado.»

GENERAL TCHENG-KI-TONG.

Este general é um escriptor muito distincto, antigo secretario da embaixada chinesa em Paris, que foi collaborador brilhante da revista de «Dois Mondes» e é auctor de um livro interessantissimo «Les chinois peints par eux mêmes».



A actriz japonesa SADA YAGO



Este grupo foi tirado expressamente para o BRASIL-PORTUGAL, por acquiescencia gentil da grande actriz japonesa SADA YAGO, que pela primeira vez se deixou photographar em trajo europæo. A actriz tem a seus pés o seu filhinho e o seu cdo, o indispensavel companheiro; a seu lado senta-se o primeiro actor da companhia, seu marido, seguindo-se o empresário Faustino da Rosa, que a trouxe a Lisboa, e LOUI FULLER, a creadora da Dança Serpentina.

O marido da doutora

Que vidoca feliz! Enquanto a esposa
Vae visitando a sua clientella,
O marido, que entende alguma cousa,
Fica em casa a fazer as vezes della...

Todas essas chapadas cantarolas
Com que se faz dormir as creancinhas,
Esses contos banaes, caraminholas,
Ao balouçar o berço as mamãesinhas;

Elle sabe tambem, porque a Doutora
Deu-lhe muitas lições de mãe bondosa;
Quando chega da noite a certa hora
Em que a pobre creança está chorosa,

Diz a medica-mãe: — «O' seu fulano!
Você não houve os gritos da creança?
Pegue nella siquer, mude-lhe um panno,
Que eu não posso aguentar tanta berrança!»

Levanta-se o amoravel pae-materno,
Pega o lindo bébé com todo o geito,
Mas quando o quer chegar ao seio terno
Tristemente elle diz: — «Não tenho peito!»

O' parvo sem rival! O' grande tolo!
Embora o teu viver seja de um anjo,
Eu lamento, infeliz, o teu consolo...
Tenho pena de ti, pobre marmanjo!

GREGÓRIO JUNIOR.

A creança instrue-se com seu pae, fôrma a alma
ao pé de sua mãe: quanto a divertir-se, d'isso se
encarrega ella.

Deixae a intelligencia das creanças abrir-se
como uma flôr, nunca a abram á força como uma
ostra.

Só os homens de gosto sabem inventar os mons-
tros.

O que é que quanto mais se alonga, mais se en-
curta?
— A vida.

Qual é o jantar que se não pode digerir, por
muito pouco indigesto que seja?
— Aquelle que se não comeu.

Quem é aquelle sujeito que anda a olhar inde-
ciso para tudo e para todos, parando a cada es-
quina para ler o nome das ruas?

— É um deputado pelo norte.

— Ninguém dirá.

— Porquê?

— Vem tão desnorreado.



Gregório Junior

Assim é conhecido nas lettras pernambucanas, assim firmou João Gregório Gonçalves Junior numerosas produções, na maior parte poeticamente-humorísticas, que lhe deram renome.

Nascido no Porto, na freguesia de Lordello do Ouro, em 1858, foi creança ainda, com seus paes para Pernambuco, onde recebeu alguma educação litteraria, que cedo teve de abandonar para se entregar aos labores do commercio, vindo a morte colhe-lo, no meo de fevereiro ultimo, em plena actividade, como intermediario de casas commerciaes.

Portuguez de nascimento, era contudo filho adoptivo da cidade que recolhera, e onde espalhára os fructos do seu talento humorístico. Collaborou, por assim dizer, em todos os jornaes de Pernambuco, onde promoveu publicações especiaes consagradas á chalacha e á ironia. Os monologos, canções e comedias que escreveu, receberam sempre do seu publico o mais largo acolhimento.

Improvisador da escola de Bocage, convertador espirituoso, fez parte da Academia Pernambucana de Lettras, onde occupou a cadeira denominada Frei Antonio de Santa Maria Taboatas.

Os seus amigos, que n'aquella cidade são muitos, vão prestar á memoria de Gregório Junior uma piadosa homenagem: é a publicação postuma dos seus escriptos, sendo o producto destinado á aquisição de um mausoleo onde os seus restos mortaes descansem.

Para se apreciar o feitto poetico de Gregório Junior damos ao lado uma das suas produções.

Rio Grande do Sul



Um gauchito de Pelotas, de pouso em uma casa de campo

(À sua direita, arrião, boias e laço; á esquerda a chaleira ao fogo, e na mão a cuia e bomba para o matê amargo)



Ah! a vida deve realmente ser um dom bem inapreciável para que se tornem objecto de tão impaciente curiosidade aquelles que voluntariamente renunciam a ella! O transeunte cruza, ignorado e sem interesse, entre os ares e as coisas, no meio dos quaes elle é apenas alguém que passa; mas que, um minuto após, se faça ouvir o estapímio de um tiro, ou a queda de um corpo e, immediatamente, eis que todos se precipitam, ávidos e commovidos, buscarão apressadamente saber quem é esse alguém que recusou a Vida, e, por um instante, o mundo pouco antes indifferente, considerará com panno o despejo da alma estranha que a Vida não pode acorrentar ás suas eternas servidões.

Violar-se ha o cadaver, como uma porta que bruscamente se fechou e de que não se tem a chave. Activamente, desentulhar-se ha a alma das ruínas do corpo e para conhecer o mysterio das estranhas energias que a levaram deliberadamente á Morte, refazer-se ha a sua individualidade, peça por peça, do berço ao tumulo. Nada ha que se deseje conhecer mais ávidamente do que a biographia dos suicidas, porque o suicida é, para as imaginações, alguém que vagamente pode dar-nos noticia do paiz de que não se volta.

Em virtude d'essa curiosidade, que é costume qualificar affectadamente de *morbididade*, foi que os jornaes de Lisboa pactuaram em tempo não dar publicidade ás noticias de suicídios; mas, como succedea que haja suicídios e suicídios, os jornaes rompem o pacto, sempre que elles implicam personagens ou successos de importancia social.

Certamente, o filho de Urbino de Freitas que o outro dia se matou, bem como a sua noiva, que o seguiu de perto no tumulo, voluntariamente, não eram o que se convenienciam chamar personagens de importancia social; mas o nome tão deploravelmente celebre de um e a crise de paixão que levou a outra a acompanhá-lo na morte com uma viril abnegação, deram a este drama de amor toda a importancia de um successo de sociedade, e, a despeito da catastrophe fabulosa da Martinica e do desastre tremendo de Augusto Severo, o acontecimento por excellencia commovente da primeira quinzena d'este frigido maio que vamos atravessando de mãos nos bolsos e gola erguida, foi esse e não outro.

Logo, porém, tomando a palavra, que está sempre á mão para carimbar as acções humanas que não se inspiram no egoismo e no interesse, os jornaes qualificaram de *romantico* esse caso melancolico de deslida amorosa. Precipitada e leviana asseveração! Não foi o Romantismo que inventou a Paixão, que existia e devastava as almas muito antes d'elle apparecer. Foi, ao contrario, ella que o gerou, inspirando-o com os seus pavoros e os seus deslumbramentos. Não foi o drama que fez o homem, mas o homem que fez o drama. O Romantismo limitou-se a encher a sua amphora em caudalosas fontes d'arte que até então estavam represas. A Paixão teve assim um culto litterario, e, se fez devotos, fez naturalmente fanaticos, como todos os cultos humanos.

Assim como as religiões, as litteraturas tem o seu martyrologio e as suas victimas. O *Werther* foi, n'este ponto de vista, a obra mais funesta de todas as litteraturas. De Stendhal se disse que durante vinte annos engendrara com o seu Julien, da sombria novella — *Le Rouge et le Noir* — innumeros suicídios. Georges Sand lançou muita alma de mulher nos abismos do infortunio amoroso: *Connello*, a *Indiana* foram convites irresistiveis de seducção ao desvario e á dor de amar. Musset subiu á cabeça de toda a sua geração: o *Ralla* fez victimas; e sem duvida o prestigio d'essa litteratura deve ter sido bem grande para que ella exercesse sobre as almas uma tão cruel influencia.

Atribuir, porém, todos os actos humanos de paixão a servidões litterarias é dilatar excessivamente a esphera de influencia da litteratura e da arte e limitar em excesso a autonomia do individuo, o que equivale a despojar-o de toda a belleza moral.

Não! o heroismo, o sacrificio, a abnegação nem sempre têm essas

impuras origens; e, entre as creaturas, grande numero ha que se conduzem na vida, fóra dos artificios, das affectações e das prevaricações litterarias. Mas — aí de nós! — o reinado das almas heroicas e dos caracteres viris de tal maneira passou que tudo quanto podemos ainda conceder áquellas e áquelles que sobreviveram ao cyclo de paixão que precedeu a nossa era de utilidade, é a nossa insaciavel mas irreverente, desapaixonada curiosidade. A admiração, a devoção, a piedade, a ternura são flores que murcharam nos nossos altares, onde outros deuses fulgem.

O heroismo e todas as sublimidades humanas são sentimentos archaicos, a que só podem reverter almas viciosas, ou regressivas. Pois não vemos nós que os transalvianos, defendendo com as armas dos nossos dias, a sua patria e a sua independencia, não são em rigor para o espirito contemporaneo mais do que expressões barbarescas do genio guerreiro? Esses bravos camponeses não foram ainda relegados para o Romantismo, em que certamente não hauriram as suas indomaveis energias, mas de spartanos para baixo não deixaram ainda de ser universalmente tratados. Em compensação, é o Romantismo a origem de todas as acções boas, ou bellas. Os heroes, que aqui e ali renascem d'entre o entulho social, são reputados sonhadores; os martyres, candidas victimas da Chimera.

Dir-se-hia d'estarte que o homem renunciou á Belleza, por tal forma ella deixou de ser para elle a unica, legitima, pura suggestão da sua conducta na vida.

Ha pouco ainda, dois homens apaixonados pela mesma idéa e pelo mesmo ideal, emprehenderam em França a mais intrepida experiencia que ainda inspirou o orgulho humano. Um morreu já, desfez-se na chamma azul do seu sonho. O outro, victorioso ainda, mas quem sabe se predestinado para um fim igual, ficou de sentinella ao azul. O que são estes dois homens de alma privilegiada? — Dois paladinos. Pois bem! Para a idéa, para a ideal d'estes homens já se reclama... a policia. Morto Augusto Severo, quer-se a todo o transe impedir que Santos Dumont siga no espao o seu tragico *plongeon*, e para o conseguir a generosidade do homem moderno grita destemperadamente — ó da guarda! Pede-se vigilancia, verificação, medidas de previdencia e de soccorro. Vaz haver uma especie de prefeitura, uma especie de Juizo de instrução para os crimes da idéa que quer desprender-se das suas eseravidades e violar a natureza e o espao. D'ora avante, quando Santos Dumont quizer subir terá de sujeitar o seu balão ao *contrôle* de um commissario de policia, que lhe porá o *viato* para a posteridade e para a gloria. E' este um traço caracteristico do espirito mediocre da sociedade contemporanea, que não pode assistir sem tremer ao voo ousado de um homem e no entanto vae, de binoculo em punho, como no Transvaal, como no Afghanistan, assistir, trincando bolachas, ao morticínio de raças inteiras.

Porque não praticaria a noiva do joven Urbino, matando-se, um acto de commovente solidariedade com o homem a quem amava? E porque lançar sobre esse acto, talvez estranho ás suggestões de uma imaginação delirante, uma facil e desdenhosa suspeita? No fim de contas, sendo a vida um dom inapreciavel, ella é muitas vezes, quando despojada da felicidade, uma fonte unica de dor, mais cruel que a propria dor da morte; e não é difficil acreditar na sinceridade d'aquelles que se matam quando fecharam a sua alma ao prazer de viver. Tal foi porventura o caso triste da pobre alma descontente do mulher, precipitada na morte, como uma folha ressequida que rodopia e cabe, desprendida da haste que seccou; e não ha Razão que o possa legitimamente contestar, a não ser que Razão queira dizer Servidão e se reduza afigural a um grilhão de ferro prendendo á vida os seres pelas coacções do instincto e da materia.

Não! Não é o Romantismo que faz suicídios. E' a Dor, a dor eterna fulminando as almas com os seus raios.

JOÃO CHAGAS.



ARTISTAS PORTUGUEZES



Desenho de ANTONIO RAMALHO — NO RIBATEJO

PELAS HORTAS



O homem do realejo



Uma entrada



Chiniquinho



A' sombra



Merenda



A volta

POLITICA INTERNACIONAL

A TRANQUILLA Finlândia, até hoje a mais escocada região não só do império russo, mas também da Europa inteira, entrou mergulhada na depressiva política, que está dominando em S. Petersburgo, num período de perturbações e desordens, cujo resultado não é fácil desde já prever. E' sabido como ha perto de dois annos o governo imperial julgou dever levar Nicolau II a mutillar a constituição do grão-ducado, que sempre todos os taes haviam respeitado. Desde então um descontentamento surdo começou a lavar entre a população, tanto finneza como sueca, do sympathico paiz, modelo de realismo e fidelidade para com o estado suzerano durante um seculo. As ultimas medidas decretadas pelo general Bobrikov, — o governador que acceteu a ingrata missão de ser o carrasco dos finndezes — fizeram augmentar extraordinariamente a irritação, que se converteu em verdadeiro desespero, quando a milicia nacional foi dissolvida e os suomi se viram obrigados a ir servir no exercito russo, ao qual os antigos batalhões locais foram incorporados. O protesto em todo o paiz foi unanime. Os pastores luteranos do alto do pulpito incitaram o povo á desobediencia, negando-se a lêrem segundo o costume e como lhes fôra ordenado a nova lei militar aos seus parochianos.

Chegou finalmente o momento da apresentação dos recrutas. No districto militar de Helsingfors realiso-se este acto nos dias 17 e 18 de abril. De 857 chamados somente se apresentaram 56, isto é 7%! Os restantes, quer dizer a quasi totalidade, protestaram com a ausencia contra o illegal ukaze que os convocava.

Os tumultos começaram na tarde do dia 18. Os poucos recrutas que se apresentaram, eram apupados á sahida pela enorme multidão, que se reunira em frente do edificio onde a inscrição se realisava. Tanto bastou para que o general Kaigorodov, governador do districto a que pertence a capital, fizesse sair os cossacos. O que então se passou foi indiscutível, no dizer de todos os correspondentes suecos, allemes e ingleses. Cidadãos pacíficos, que não tinham tomado parte na manifestação de protesto, foram acutilados. Velhos, mulheres e creanças foram esmagados uns e gravemente feridos outros pelos *nagais* (chicotes) de que fizeram uso em larga escala os cossacos. Nem escaparam os que se refugiaram nas egrejas, porque d'alí os arrancou a fúria da soldadesca. Em summa nunca na Finlândia se tinha presenciado cousa assim.

O assombro, a irritação e a dor da população pôdem facilmente imaginar-se. O luto é geral. Mas nem porisso deixa de ser menos decidida a resolução de resistirem por todos os modos á tyrannica lei militar. Em ultimo caso emigrarão em massa. E com effeito, nos ultimos mezes e especialmente nas ultimas semanas o exodo para a America tem sido enorme, a ponto das autoridades russas pensarem já em impedir a saída dos fugitivos.

E' ali está como por um inexplicavel acto de politica perseguidora e reaccionaria se converte em bando de foragidos, talvez a dois passos de se converterem em revolucionarios ou conspiradores, uma população leal, pacifica, illustrada, modelo de virtudes civicas, e exemplo de quanto pouco o trabalho aliado á instrução. E tudo isto prestes a ser destruido pela cegueira dos governantes, que se avaram Nicolau II a tornar-se cúmplice de tão monstruoso attentado!

Até que afinal, depois de diversas affirmações categoricas e de outros tantos categoricos desmentidos, está officialmente confirmada a renovação da Triplice Aliança. Foi da Austria d'onde esta confirmação partiu. Perante as Delegações austro-hungaras o ministro dos negocios estrangeiros do imperio annunciou formalmente a renovação da alliança com a Alemanha e a Italia, a qual pelo tratado existente só em maio de 1904 se expira. A Italia se um anno o que se dentro de um anno tinha de realisar-se, e d'esta pressa, que parece ter obedecido a qualquer desconhecida urgencia, não deu o conde Goluchowski a mais leve explicação. E no entanto seria deveras interessante o saber-se por que razão de força maior, e porventura por que preço se conseguiu, não só amaciar as resistencias da Italia em continuar a fazer parte do pacto, mas até levar a a anticipar a renovação do compromisso que tanto precipia, ao que não parece, a pensar-se. Seria por parte da Alemanha o formal consentimento de ella se apoderar de Tripoli? Seria por parte da Austria a satisfactoria segurança de que a monarchia dualista nada attentará contra a Albania e deixará de lançar olhos cobiosos para a margem *irredenta* do Adriatico? Seria a promessa de que os interesses economicos da peninsula hão de ser respeitados nos futuros tratados de commercio? Como quer que seja, alguma coisa foi decerto. O sr. Prinetti, depois das declarações categoricas nas tres vezes em que se apresentou, não hesitou em novo periodo a liberdade de acção da Italia, se porventura não tivesse alcançado series vantagens, tanto mais que a actual renovação encontrava o estadista italiano em melhores condições para negociar do que os seus antecessores. Até aqui, com effeito, a Italia ameaçada politica e economicamente pela hostilidade da França tinha de se acolher á protecção da Triplice Aliança, quaisquer que fossem as condições em que tivesse de entrar n'esse pacto, para não ficar isolada. Hoje a situação mudou inteiramente. Por um lado a aproximação franco-italiana determinou uma corrente de sympathia entre as duas nações latinas, que exclue toda a possibilidade de qualquer proximo conflicto entre ellas. Por outro lado o casamento de Victor Manuel III com a filha do principe de Montenegro assentou no throno dos Saboyas uma princeza intimamente ligada com a corte de S. Petersburgo, o que garante á Italia os bons officios da Russia e a eventual aproximação d'esta potencia, principalmente depois da aproximação da França.

Requersta pois pela Dupla Aliança, a Italia encontra-se em posição de dictar as suas condições, tanto mais que também a Ingla-

terra parece disposta a renovar com maior intimidade o antigo *flirt* com a peninsula. A Alemanha e a Austria não ignoravam o cerco que a diplomacia de Paris e S. Petersburgo estava fazendo a sua alliada. Conseguiram convencer a aquiescer á renovação do pacto, que ainda tinha um anno de validade, ou tiveram que pagar essa aquiescencia? Inclinaamo-nos a esta ultima hypothese, pelo que deixamos dito. Por que preço a Italia se fez pagar mais tarde o saberemos. O essencial é que a Triplice Aliança foi renovada; e embora o seu caracter hoje seja muito differente do que era quando pela primeira vez Crispi e Bismark a negociaram, não ha duvida que ella representa sempre uma combinação diplomatica altamente desagradavel para a França.

A noticia da declaração do conde Goluchowski deve ter sido recebida em Paris com natural despeito, tanto mais que se esperava como consequencia necessaria da aproximação franco-italiana e do incessante esforço do embaixador francez junto do Quirinal, o sr. Camillo Barrère, que a Triplice Aliança não fosse renovada. Foi uma desillusão aliás facil de prever, e contra a qual a opinião desapoiada na propria França devia estar prevenida. Resta saber como o chauvinismo francez encarár o passo dado pela Italia, e se depois do annuncio feito nas Delegações continua o mesmo côro entusiastico de louvores ás virtudes da recente *entente* com a irmã latina, entrada de novo no bom caminho...

Realisaram-se as eleições de desempate em França, e o resultado d'esta nova consulta do suffragio universal foi ainda mais favoravel do que a primeira ao ministerio Waldeck-Rousseau. A situação ministerial consolidou-se e com ella a estabilidade da propria republica, que viu diminuir a força material dos seus adversarios. Até certo ponto a influencia moral sobre uma parte do paiz. Dissemos no entanto e muito intencionalmente *até certo ponto*, porque apesar da grande victoria do governo e do partido republicano uma nuvem inquietadora paira sobre a politica franceza. Referimo-nos ao inesperado augmento do partido nacionalista na sua representação parlamentar, augmento para que contribuíram em primeiro logar Paris, e depois os departamentos de leste, onde a ideia da *revanche* ainda se não desvanecera.

E' este o aspecto grave das eleições, que acabam de se realisar. Bem sabemos, que a victoria dos nacionalistas, algum tanto reduzida nas eleições de desempate, não representa um perigo immediato. Já vai longe o tempo em que Paris desafiava regimens politicos em algumas horas e impunha chefes de estado da sua escolha á nação. 1830, 1848, 1852, 1870 formam um cyclo que se fechou para não mais realisar-se. O paiz attingiu a sua maioridade politica e emancipou-se da tutela capbosa da capital.

Mas em primeiro logar n'um povo de educação e habitos centralistas, como a França, não é indifferente a opinião da sua primeira cidade, centro de toda a actividade intellectual e foco da convergencia de todas as forças vivas da nação. E em segundo logar, o nacionalismo, embora em Paris tenha o seu principal reducto, possui outros nucleos, principalmente nos departamentos mais proximos da fronteira allemã, o que até certo ponto faculta a exploração. Nestas condições embora, conforme dissemos, o perigo não seja immediato, subsiste contudo no estado latente, podendo de um momento para o outro, mercê de qualquer acontecimento inesperado, a situação agravar-se sensivelmente. E' assim que a *Gazeta de Colonia* encara a victoria dos nacionalistas, sobretudo sob o ponto de vista que semelhante victoria pôde ter para as relações externas da França. O que custa a comprehender é como ao cabo de tres annos de uma politica de acallanção — porque é este o caracter do governo Waldeck-Rousseau, não obstante a lei sobre as associações, — quando parecia que a triste divisao produzida pelo malfadado processo Dreyfus se tinha desvanecido de todo, o partido nacionalista, funesto rebentão d'essa deploravel questão, se levanta com nova força, ameaçando perturbar de novo pelo simples facto da sua resurreição a obra de pacificação dos espiritos, com tanta habilidade comprehendida pelo actual ministerio? E' a verdade incomprehensivel, e deixa o campo aberto a todas as dividas e a todos os recios emquanto ao futuro.

O governo, porém, sae mais forte da luta eleitoral. Não só conservou as suas antigas posições, o que já era importante, attenta a natureza da colligação que o defrontava, senão que conseguiu engrasar de modo bastante sensível as suas forças, achando-se agora ao abrigo de qualquer surpresa parlamentar, que possa ameaçar-lhe a existencia. Ao mesmo tempo ganhou mais independencia, escusando de transigir, tal como até aqui costumava, com os republicanos para viver. Sem recuar, pôde de hoje em diante ser mais senhor de si.

Como se explica então, que um ministerio assim victorioso pense em retirar-se? Ha alguns dias que a imprensa franceza discute largamente esta eventualidade, prevendo as soluções que pelo sr. Loubet serão dadas á crise, logo que elle officialmente se manifeste. Diz-se que o sr. Waldeck-Rousseau apresentará a sua demissão, em primeiro logar porque o seu estado de saude exige um largo periodo de repouso, e em segundo logar porque julga ter cumprido integralmente o seu programma e portanto haver realisado a sua missão. Serão, porém, estas as verdadeiras causas, que o levam a abandonar o poder, agora que a sua accção ministerial ia ficar mais desembarçada? Parece nos que o verdadeiro motivo é outro, e que elle se relaciona com a futura eleição presidencial, que ha-de realisar-se em menos de tres annos, e na qual tem de intervir a camara, que acaba de ser eleita. Waldeck-Rousseau, que já foi candidato na eleição passada, deseja, ao que parece, preparar o terreno para a eleição proxima, e ninguém dirá que o passo projectado de se demittir não seja habil.

Artistas portuguezes no Brasil



Luis Pinto



Theroza Mattos



Augusta Cordeiro



Augusto Campos

*Estes artistas fazem parte da companhia que parte no dia 2 para
Rio de Janeiro com Angela Pinto.*

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Lado Barão, 30

Páginas suplementares: Off.º Edições Nunes & F.ºº

Rua d'Assumpção, 18 & 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Vitor, Leopoldo Tavares

Editor — Luiz Augusto Soares

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno	36\$000	Anno	58\$000	Anno	72\$000
Numero avulso	2\$000	6 mezes	2\$000	6 mezes	4\$000
		3 mezes	1\$500		
		Numero avulso	5\$000	Numero avulso	8\$000

SUMMARY

TEXTO

Offenso XIII. Rei de Hespanha.
 O Vicente e Garrett — THEOPHILO BRAGA.
 O Sonho da Rainha — CAEL.
 Frei Luiz de Souza — A. M. DA CUNHA BELLEM.
 Um visionario.
 O Visconde de Ouguella — L. F. MARREAS FERREIRA.
 Um Deus Obsequador (conto chinês) GENERAL TCHENG-KI-TONG.
 O actriz japonesa — SADA YACO.
 O marido da doutora — GREGORIO JUNIOR.
 Pensamentos.
 Chronica — JOAO CHAGAS.
 No Ribatejo — desenho de ANTONIO RAMALHO.
 Politica Internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
 Artistas portugueses no Brazil.

27 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
 Representantes do «Brasil-Portugal».
 Bom conselho.
 «Brasil-Portugal».
 Cantares gallegos — EDUARDO PONDAL.
 A vida em sete valses — EYCELLE.
 A imprensa portugueza contra o analfabetismo.
 Tauromachia.
 O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.
 A senhora duquesa — LUCIANO CORDEIRO.
 Anecdotes.

ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto
 Villar d'Allen — Vinhos — Rio de Janeiro.
 Grande Hotel Metropole — Porto.
 La Union y El Fenix Español — Lisboa.
 Maison Nouvelle — Lisboa.
 Casa Baquet — Porto.
 Veados.
 Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.
 J. Nunes Correia & C.ª — Lisboa.
 O Tiradentes — Porto.

Agua de Carabacha — Lisboa.
 Cesar A. Paiva, dentista — Lisboa.
 Gabinete Hydrotherapico — Lisboa.
 Vinho Velhos Legitimos do Porto.
 Chapelaria da Moda — Lisboa.
 Atelier d'Alfaiate A. Couto — Lisboa.
 Agencia Financial de Portugal — Rio de Janeiro.
 Lemos & Filhos — Porto.
 London & Paris — Lisboa.
 Joao Ferreira — Porto.
 Banco do Minho — Braga.

NA CAPA

Garantia da Amazonia — Belém — Pará.
 Brazil-Portugal — Lisboa.
 Notre Dame de Paris — Rio de Janeiro.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO & S. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo de Moraes e Jose Martins Polio, Rua de Alameda, 4, sobrado.
 PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Março, n.º 14.
 PARA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 35.
 MANGABE — Jayme & Camara — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.
 MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª.
 CEARA — A. Pereira Braga — Praça José Alencar 20.
 BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 32.
 PELOTAS — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
 PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
 BOSSAMBIDE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUEILANE — Henrique Jorge de S. Neves.
 BENGUELLA — Mathews & Tavares.
 LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Jorana.
 S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOTA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 120.
 EVORA — Agente geral em Evora e no Sul Luiz Freire Correia, Rua da Mouraria, 27.
 BEJAVENTE — J. B. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª.
 COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-3.
 CASTELO BRANCO — Pedro Antonio Sanches.
 ABRANTES — Antonio Augusto Salgueiro.
 ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
 1.ª COBRÁ — José Narciso da Costa.
 PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
 VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
 COGUEIRO — José Pereira Cabral.
 TAVIRA — José Maria dos Santos.
 FARO — Maya & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o **Brasil-Portugal** os sr.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
 Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SAVOIR.
 Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguará, n.º 1), em CAMPINAS.
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
 Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andrezen) — MANAOS.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
 — Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
 — Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, combos cores. E era tão fraco!
 — Cousas, meu velho. Faz como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho do Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provenem os preciosos vinhos
 de Adriano Ramos Pinto

BRASIL-PORTUGAL

Para dar a maior actualidade aos acontecimentos que esta Revista regista, pela gravura e pela palavra escripta, e na impossibilidade de continuar applicando o papel que por falta do antigo, foi obrigada a usar nos tres ultimos numeros, resolveu esta Empresa fazer imprimir o n.º 83, referente a 1 de Julho, numero que é entregue juntamente com o presente, e distribuir depois com os numeros subsequentes os dois em atraso, e que são os n.ºs 81 e 82.

Estes serão também impressos no papel novo, superior, e serão distribuidos respectivamente com os n.ºs 85 e 87.

Por esta forma, o *Brasil-Portugal* recupera desde já a actualidade que, por motivos independentes da sua vontade, havia perdido.

CANTARES GALLEGOS

Não, não ha fonte
Tão fresca e pura;
Não, não ha nuvem
Tão vaporosa,
Nem viva estrella,
Nem flor viçosa
De tal riqueza,

Nem de tal cor;
Nem mais alegre
Veu luxuoso,
Nem ha nos cômodos
Tão leda alfombra,
Nem ha
palmeira de tanta sombra!
Ella é a vida
Do trovador.

Não ha deserto
Tão abrasado;
Não ha oasis
Tão delectoso,
Nem chão adusto
Mais requemado,
Nem horto grato
Tão seductor;
Nem elixir
Tão feiticheiro,
Nem ha veneno
Tão homicida!
Ella é a morte, ella é a vida,
Ella é a morte
Do trovador.

Trad. de FERNANDES COSTA

EDUARDO PONDAL.

A VIDA EM SETE VALSAS

PRIMEIRA VALSA

Musica: — *A primavera*

Toilette de cassa da India e taffet de equal cor, ramo de delicadissimas flores naturaes. Muito timida e constrangida, dança com um dos mais disputados e festejados directores de cotillions. Elle convidou a unicamente em attenção a mamã, que dá magnificos jantares e deliciosos bailes brancos.

Toda tremula levantou-se da sua cadeira e com o olhar velado e a respiração ofegante procurou

deixar-se arrebatado por aquelle turbilhão, o que se lhe afigurou impossivel.

O Marquez apenas a amparava, e ella mal sentia o braço d'elle em volta da cintura.

Acompanhou-lhe como poudes os movimentos. Finalmente o seu cavalheiro conduziu-a ao seu lugar com a galantaria correcta do grande mundo; Recostando-se na sua cadeira e desdobrando lentamente o leque todo branco, a inexperiente valsista admirava-se de se não sentir nem mesmo ligeiramente fatigada. Inclinando então sobre o hombro materno a gentil cabeceira, a formosa criança observou: — Não é mais do que isto, valsa, mamã!!

SEGUNDA VALSA

Musica: — *Fausto*

Toilette de crepe cor de rosa de Benguelia, guarnecido de grinaldas de junquinhos.

Foi o noivo que a convidou para a valsa. Que ventura estar alguns momentos acolhida aos seus braços. E como elle dança bem! Que graça e elegancia a d'este capitão. Que furia! O seu grande bigode roça ao de leve a pequenina orelha da formosa noiva. Que onda de carmim a envolve aquelle contacto! Um enanto!... E' tão feliz!... Segredam e riem na doce intimidade de proximo noivado. De repente o capitão quebra a symetria dos valsistas, e arrasta o seu gracioso par para longe do olhar materno. Ella sente então nos sedosos anneis da sua farta cabellera como que um beijo. Que ouadada e que commoção dulcissima!... O braço d'elle vigoroso enlaça-a e aperta-a de encontro ao apaixonado peito, e com voz humilde e cariciosa. — Perdões... mas se te amo tanto! perdões... sim!... E ella generosa e magnanima sorri... Decididamente a valsa é uma cousa boa, ella é que não soubera julgar!...

TERCEIRA VALSA

Musica: — *As rosas*

Toilette de setim azul turquesa, enriquecido por um antigo véu de renda de Alençon; grinaldas de rosas *Princesas*.

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOYDO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



TAUROMACHIA

Alges

Aproveitando um claro que houve no Campo Pequeno, que é como quem diz o des-anco de um domingo sem dar touros, a empresa d'Alges inaugurou a sua época em 4 de maio com cornupestos do sr. marquez de Castello Melhor, que sahiram bravos mas que por mal toureados não poderam sobressahir tanto quanto seria necessario.

Na corrida entrou como espada a matadora Maria Salomé, da *Ryerte*, que é uma mulher de Linares (Hespanha) e tão valente e decidida como o *diestro* de que usa o apodo, o celebre Antonio Kevete.

A tal dama é também muito forte e robusta, estando perfeitamente á vontade junto dos touros.

Bandarilhou dois, o 5.º e o 8.º, com cinco pares e dois meios *cuando* bem e sahindo com muita elegancia e donaire da cabeça das rezes.

No manejo do capote é menos habil, mas lanciea com valentia parando o pommel.

Com a muleta baila um pouco, e com o estoque parece que hade matar muito, porque se perfilia com arrogancia entrando a direito com os touros.

É uma mulher d'armas.

Os nossos bandarilheiros fizeram uma tristissima figura ao lado da toureira, que francamente os metteu a todos n'um chinello.

Que vergonha!

A cavallo toureou o amador José Luiz Bento, que ovuiu palmas ao seu esforço e boa vontade em farpear bem os três touros que lhe competiram.

Campo Pequeno

Reaberta a sessão no Campo Pequeno vimos all em o uma corrida—certamen, muito judiciosamente organizada pela empresa Batalha para que os quatro cavalleiros com quem tem contracto effectivo provossem as suas habilitações artisticas disputando entre si um premio de 200\$000 réis, que seria concedido ao mais *maestro* por um jury proposto pelo Real Club Tauromachico Portuguez. Como se sabe os cavalleiros contractados pela empresa Batalha são Fernando d'Oliveira, Manuel Casimiro, Joaquim Alves e Simões Serra, aos quaes foram destinados 4 touros puros de Emilio Infante e 2 corridos do mesmo lavrador.

Assim, os quatros farpeadores lidaram a sós os 4 bichos puros, e depois, a *duo*, Fernando, Casimiro, Alves e Serra, farpearam respectivamente os dois touros corridos.

Antes da corrida parece que o Casimiro prevendo que não apparearia o premio, e levaria um cheque medonho trabalhando juntamente e em confronto com Fernando, buscou o pretexto de desartar do concurso allegando que não tendo sido consultado pela empresa não tourearia, mas que para evitar embaraços não duvidaria entrar no certamen se do jury fizessem parte uns cavalleiros que indicasse. E' claro que estando já indicados os nomes dos senhores que formaram o jury tal modificação importaria para elles n'uma desconsideração de que por forma nenhuma são dignos.

Nesta conformidade, Casimiro depois d'uma serie de epistolares á empresa, que ainda depois da corrida se prolongou, lá entrou na corrida mas fôra do concurso.

E foi bom assim porque o publico accorrendo ao circo em grande massa teve occasião de apreciar de *visu* como Fernando d'Oliveira desenvolvendo toda a sua excepcional competencia contra tres cavalleiros que são do *mejorito* que temos, lhes ganhou o premio suplantando-os com enorme vantagem.

Logo no 1.º touro que toureou, a ferraagem larga que partiu foi primorosa, em sortes bem executadas com toda a sciencia e competencia.

Concluiu com um ferro curto *algo delantero* em que a entrada e a sahida da sorte foi bem, medida e calculada.

No touro em que alternou com Casimiro foi esplendido de arte e conhecimentos, elevando ao cumulo o entusiasmo do publico pelo brilhantismo que imprimiu á sua lina como quanto tivesse dois ferros cahidos.

Casimiro no 3.º que farpeou em sortes de recurso (*á garupa*), teve mais um ferro curto soberbo e um outro inferior. No 5.º em competen-

cia com o mestre fez uma figura de discipulo porque na realidade não é possivel em caso algum o poder competir com um artista da envergadura de Fernando d'Oliveira. E note-se que Fernando não tem um cavallo que o ajude em absoluto, pois que aquelle em que habitualmente toureia (*o Bacellar*), tem dias em que parece doido, negando-se em ir para os touros e fógindo para a esquerda comprometendo o cavalleiro.

Joaquim Alves e Serra logram também muitos applausos pela maneira como se portaram com os seus touros; no entanto Alves foi mais artista, estando a Serra tão pouco feliz que não para não atropellar o bandarilheiro Theodoro, foi colhido indo a terra.

Os toureiros de p' n'esta corrida que eram J. Calabaca, Theodoro Gonçalves, J. Cadete, Silvestre Calabaca, Francisco Saldanha, Torres Branco e Manuel dos Santos, buscaram *complacencia*, salientando-se o segundo na *brega* que foi estupenda de actividade e resistencia.

Os touros do sr. Emilio Infante, do Valle de Figueira, não corresponderam muito bem á fama que traziam, especialmente os que se tourearam a pé e que descendiam de uma crusa feita com um touro da *ganaderia* de José Palla Blanco.

Forçados, intelligente e publico... todos de saude.

Tres dias depois, domingo 11, tornámos ao Campo Pequeno para ver os *Bombitas* I e II lidarem lo lindos bichos do sr. marquez de Castello Melhor, e tão lindos elles eram que no fim da lide do 5.º o *ganadero* ovuiu uma ovação.

Infelizmente nem todos perseguiram os vultos com aquella gana e bravura com que o faziam aquelles outros que se ex.º mandou para a lide, que os impediu que os artistas dessem á lide o brulho exigido para geral agrado.

Casimiro farpeou 2 touros, andando bem no 1.º, que buscou sangrar á fina força nas taboas. Joaquim Alves é que se tornou saliente porque variou o toureio com muita arte e classicismo. Depois de Fernando d'Oliveira é elle o primeiro *rejonador* portuguez. Theodoro, Torres Branco e Thomas de Rocha, fizeram o que puderam, e os hespanhos Rodas e Moreno collocaram bons pares de bandarilhas, especialmente o primeiro que realisou uma sorte de gaiola superior.

Intelligente, pegadores e publico... todos de accordo, excepto nas mais ajudas que os toureiros prestaram entre si, as quaes por serem tardias obrigaram um d'elles, o Paulo Gaiolas, a ir conferenciar com o medico de serviço na enfermaria da praça.

E. d'A.

Perez Galdós

CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XXI

Um novo mundo

—Não sabe? Disse Florentina doida de dór. Então para que é medico?

—Não sei, não sei, e não sei exclamou elle, agarrando a cabeça das mãos ambas. Sei, sim, sei uma coisa—que não sabemos mais do que phenomenos supersticijs. Eu não passo d'um capricho de olhos...

E cravou o olhar attentamente n'aquillo que ali fluctuava, a vida, e a morte.

—Ama, que se está passando em ti? disse elle com anguria.

Florentina desatou a chorar.

—A sua alma voou... soluçou ella, deixando pender a cabeça sobre o peito.

—Ainda não, disse Theodoro, pondo a mão sobre o coração d' moribunda. Aqui ha alguma coisa, mas é tão pouco que parece que a alma fugiu.

Ficando ainda a suspirar. Senhor... murmurou Florentina principiando uma oração.

—Pobre espirito! acrescentou Golin. Estavas aqui mal alojada e partes por isso...

Os dois acercaram-se mais da enterra.

—Moveu os labios! Bradou Florentina alvoraçada. E filla...

Com effeito os labios de Nela desceram-se e pronunciaram uma, duas, tres palavras... —Que disse, ella? Nunca se comp'ehendera. Nela fallava já talvez n'esse idioma com que se entendem os que vivem a vida infinita...

—Mulher... disse Gofin a meia voz, fizeste bem em dexar este mundo de misérias.

—Dessejei fazer a feliz e ella não o quiz... murmurou Florentina com a voz tremula, algada em lagrimas.

XXI

Adeus

Coisa rara e inaudita! Marianela que em vida nunca tivera cama, nem roupa, nem sapatos, nem sustento, nem consideração, nem familia, nem sequer um nome, teve na morte um sepulchro magnifico, que originou não pequenas invejas entre os vivos de Socartes. N'aquellas legões calameníferas nunca se vira maior ironia do que esta magnificencia posthuma. Florentina para ser coerente com os seus sentimentos generosos quiz attenuar o desgosto de não haver sido uita a Nela em vida, honrando os seus pobres despojos depois da morte. Ouve positivistas empedernidos que a censuraram por isso. Não venos n'esta acto pouco visor mais uma prova da delicadeza da sua alma. Quando a enterram os curiosos que foram vel-a—coisa ainda mais rara e inaudita!—acharam-a quasi bonita. Assim o disseram, mas nós sabemos se mentiram. Foi a unica vez que a adularam. O funeral celebrou-se com pompa, e os padres de Villamejida ficaram de boca aberta quando lhes deram di-nheiro pelos responsos á filha da Nela.

Era estupendo, phenomenal que por um, cuja importancia social havia sido, mais ou menos igual á dos insectos, se accendessem tochas, se desenrolassem pannos funerarios, e enrouquessem chantes e sacristias!

Ao estupendo allava-se o ridiculo, e durante seis mezes não se fallou n'outra coisa n'aquellas redondezas. A surpresa ex.º digamos tudo... a indignação d'aquella boue gentes chegaram ao auge quando um dia viram apparecer duas grandes carroças carregadas com enormes peças de pedra branca e fina! No cerebro da *sôr* Anna é que se produziu uma espantosa confusão de ideias, um verdadeiro cataclismo intellectual, um cahos, ao saber que aquellas pedras brancas e finas eram para o tumulo de Nela.

Não seria maior a sua admiração se visse com os seus olhos voar um boi, ou se ouvisse com os seus ouvidos descorrer o seu illustre consorte. Folhearam-se e tornaram a ser folheados todos os livros parochiaes de Villamejida, pois era necessario que, depois da morte, tivesse um nome a que nunca o tivera em vida. Aquella requisição indispensavel para poder figurar nos archivos da morte, sobre aquella pedra sepulchral que ostentava orgulhosa por entre as tochas cruces do cemiterio de Aldeacorta, foram dadas nos seguintes dizeses

R. I. P.

Maria Manuela Tellez

Reclamou-a o ceu no dia 12 de outubro de 186...

Uma grinalda de flores primorosamentealhada com marmore encimava esta inscriptio

Poucos mezes depois, quando já Florentina e Paulo Penaguiães se haviam casado, e quando (diga-se a verdade: a verdade acida de tudo)... quando já ninguém em Aldeacorta de Suso se lembrava de Nela, passaram por ali uns estrangeiros, d'esses a que se chamam *touristes*, e logo que viram o soberbo tumulo de marmore erguido no cemiterio pela piedade religiosa e pelo affetto sublime de uma mulher exemplar, ficaram paezescres de admiração. E, sem mais averiguasões, escreveram nas cartearas estas notas, que, com a epigraphie de Sketches from Antaiaria, mais tarde foram traduzidas em inglez:

... que mais surprehende em Aldeacorta o esplendido sepulchro erguido no cemiterio, a memoria d'uma joven illustre, celebre n'aquella paiz pela sua formosura.

D. Maria Manuela Tellez

Descendia d'uma das mais nobres e abastadas familias da Cantabria—a familia de Tellez Girón e Tramastara. Dotada de um caracter espi-

Elia — «desculpava-se» dizem o Pero Vaz e a Beatriz Annes — «que lhe não tinha feito nada», accrescenta a ultima.

Quando D. Jayme voltou á camara, o pagem e Jorge Lourenço pediram-lhe de joelhos — «que lhe perdoasse a traição.»

O Duque respondeu, diz Pedro Vasques, — que se abraçasse com Deus, que o corpo havia de padecer e mais passara Nasso Senhor por nós outros »

O Juiz da Terra tinha de cumprir a Lei, a Justiça d'ella. O de Cima, o do Ceu, julgaria a todos.

Fanático?

Não: — homem do seu tempo e do seu meio, simplesmente, positivamente.

E mandando sahir o escrivão ficou a sós com o pagem.

Foi curta a conferencia; terrível deveria ser para os dois!...

Crença, o Alcoforado n'aquelle momento havia de comprehender nitidamente que era um homem. Homem e cavalleiro, que se não usava espada, se espontaneamente a tirara pela janella armou-se elle proprio cavalleiro n'aquelle lance medonho: — pressente-se que nada disse.

LUCIANO CORDEIRO

ANEDOTAS

Uma actriz mandou ha dias uma creadita á tenda buscar assucar. A creada demora-se tempo infinito e apparece com as mãos abanando:

—O' rapariga, pois eu mandei-te ha tres horas buscar assucar, e voltas sem o trazer?

—O' minha senhora, estava tanta gente que eu, quando me chegou a vez, já me não lembrava do que a senhora queria.

—Porque não vieste perguntar?

—Oh! minha senhora, foi para não perder a vez.

—*

Vão-se bater dois duellistas.

Um d'elles tropeça, cae e bate no nariz.

—Magoou-se? diz o outro com interesse.

—Um pouco.

—Deitou sangue?

—Deitei.

—Então vamo-nos embora; a honra está satisfeita. O duello era o primeiro sangue.

—*

Uma actriz tem um filho que anda na escola: Ha dias diz-lhe:

—Dá-me alguns exemplos de animaes que vivam nas nossas casas.

—Os gallos, os peris.

—Bem! isso são bipedes. Não te lembras de algum animal de quatro pés?

O pequeno hesita.

—Não te lembras? Um animal de quatro pés, que ás vezes nem deixa dormir a gente...

—Um animal de quatro pés?

—Sim.

—Que não deixa dormir a gente?

—Sim.

—O piano.

—*

Entre dois gatunos que sahiram da cadeia;

—Bravo! que bonito relógio que você tem! Quanto lhe custou?

—Seis mezes.

—*

O barão de Rothschild, pae do actual barão, apesar de millionario ou por isso mesmo talvez era extremamente economico. Uma vez na gare d'Orleans um empregado que o conhecia, vendo-o entrar para uma carruagem de segunda classe dirigiu-se a elle muito admirado:

—Oh! sr. barão. então o senhor vae na segunda classe?

—Então meu amigo, o que quer? Os senhores não puzeram hoje carruagens de terceira.

—*

Um caçador muito temente a Deus mas mau atirador consultou o prior da sua freguezia sobre o remedio para a sua falta de sorte na caça.

—Olhe, disse-lhe o prior, apegue-se com Santo Humberto e offereça as almas uma de cada duas peças de caça que matar.

O homem assim fez, e d'ali a dias indo á caça com o mesmo prior viu levantarem-se de repente a pouca distancia duas formidaveis lebres.

Mette a espingarda á cara e dispara dois tiros. Uma lebre cae morta, a outra safa-se de perfeita saude.

O homem corre a apanhar a lebre morta e diz apressadamente para o padre:

—O' sr. prior, olhe a das *almas* como foge.

—*

Bébé vae ao theatro no dia em que faz cinco annos.

No dia immediato o seu irmão pergunta-lhe:

—Então é bonito?

—E, é bonito mas não se dorme bem!

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

18.000.000.000

De sinistros pagos desde 1864 até 1899

FREMIOS E RESERVAS 5.932.000.000

Régulos contra incendio, exploração

de gas os raios

Equateur Atlantique & Union Maritime

Compagnies françaises contre os riscos maritimos

e riscos de transporte de qualq. natureza.

Directores — Lima Mare & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeções

Com atelier de modista e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO —

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa



CASA PAQUET GONÇALVES JUNIOR ALFAYATE

Confeções para senhoras

153 — Rua de Santo Antonio — 157

PORTO

COUPEUR — ANTONIO AMORIM

WEAVER ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da 86, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166 — LISBOA

Preparam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, pontualidade e modicidade de preços.

O TIRADENTES

Romance Historico Brasileiro em 2 volumes
de 550 paginas cada um

POR

JOSÉ AGOSTINHO



E' posto á venda, por estes dias, nas principaes livrarias do Brasil o 1.º volume d'este grandioso romance historico, em que se descreve em traços frisantes, a conjuração mineira, destacando-se o immortal patriota Tiradentes. Romance baseado n'um plano tão amplo que, a proposito do grande movimento de Minas põe em foco a gestação da Revolução Franceza, approximando-se da grande figura de Voltaire os estudantes do Brazil que em França aqueceram ainda mais o seu ideal sagrado; e é fecundo em lances, em desenhos de nobres figuras como o Marquez de Pombal, Jefferson e outros e faz um descriptivo intenso da grande natureza americana. A acção historica é sempre amenizada, por uma forma viva, reservando para o fim de cada volume, as notas da respectiva documentação muito solida e proficiente.

Livraria Editora de Antonio Figueirinhas — PORTO



**VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

Sehe brevemente

**O ALMANACH ILLUSTRADO
DO BRASIL-PORTUGAL
para 1903**

com capa a côres e grandes surpresas artisticas



CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA
E
SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
CONSULTORIO
lt. do APOLO, 100. 1.º
LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO
do Dr. Mauperrin Santos
Método: 1.º section J. Mauperrin Santos
2.º section J. Silvestre d'Almeida
Instal'ção: o hydrotherapico completa, duas salas de a. m. e. para homens e senhoras, inteiramente a. m. e. das e independentes; gabinete de massagem e massage. Massage e gymnastica dica, dirigida por C. de Sousa. Tratam. e doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 9 às 12 da manhã e das 3 às 5 da tarde
ENTRADAS: CALÇADA DO DUQUE, 20 LISBOA
CALÇADA DA GLÓRIA, 15 LISBOA

**CHAPELARIA DA MODA
DE
JOÃO ALVES DA COSTA**
32, Rua Garrett, 34-(Chiado)
LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha.
chapéus CLAUQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovae em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA

PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,
Superior às emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Por Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 3400 réis; caixa de 12 frascos, 6200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.^a classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31. PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

BANCO DO MINHO

SÉDE EM BRAGA

Fundado no anno de 1864

Endereço telegraphico—MINHO

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencia em Lisboa—BANCO LISBOA & AÇORES

Effectua todas as operações bancarias

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes de Portugal, Hespanha, Italia, Londres, Paris, Hamburgo, Montevideu e Buenos-Ayres

AGENTES NO BRASIL

Rio de Janeiro—Sampaio Oliveira & C.^a, R. do General Camara, 13

S. Paulo—Garcia Nogueira & C.^a

Santos—Ferreira de Souza & C.^a

Bahia—Banco Commercial da Bahia

Pernambuco—Luiz Duprat

Rio Grande do Sul—Campos Moraes & C.^a

Pará—Banco do Pará.

SUB-AGENCIAS, EM LOCALIDADES

DE SECUNDARIA IMPORTANCIA